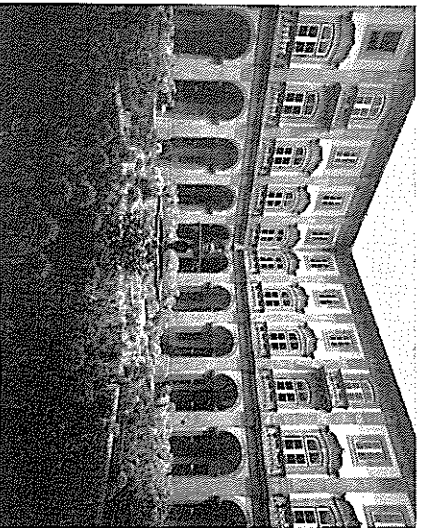




O TRIPPEIRO

Director: Eng.º Francisco de Almeida e Sousa • Propriedade: Associação Comercial do Porto • Administração: Associação Comercial do Porto
Sede: Palácio da Bolsa — Rua Ferreira Borges — Telef. 200 27 28 — 4000 PORTO • Fotocomposição e Impressão: Tipografia União Gráfica — Porto
Dep. Legal n.º 11457/86 • Registo na D.G.C.S. N.º 107643 • Distribuição: Máio da Silva Braga, Lda. — R. Duque de Terceira, 271 — 4000 Porto
Tiragem 5000 exempl. • Revista Mensal • Preço 450\$00 • Assinatura Anual: 4.500\$00



CAPA: Os 150 Anos da Biblioteca
Pública Municipal do Porto

7.ª SÉRIE
ANO XI / N.º 12
DEZEMBRO * 1992

SUMÁRIO

O CONVENTO DE SANTO ANTÓNIO DA CIDADE — Por Maria Adelaide Meireles e Luís Cabral	354
SAMPAIO BRUNO E OS PROBLEMAS DO SEU TEMPO — Por Luís A. de Oliveira Ramos	358
ENCONTROS DE LITERATURAS — AS TRADUÇÕES DE MARIA OSSWALD — Por H. D. Hüsgen	369
MAREANTES DO DOURO — DOIS APONTAMENTOS — Por Florido de Vasconcelos	373
MANUEL LARANJEIRA — INDÍCIOS PARA UMA FUGAZ EVOCAÇÃO — Por Paulo Samuel	376
MANUEL LARANJEIRA E O SEU IDEALISMO REPUBLICANO — Por Orlando da Silva	380
MEMÓRIA DOS ANOS 40 — Por Ercílio de Azevedo	383

SAMPAIO BRUNO

E OS PROBLEMAS DO SEU TEMPO

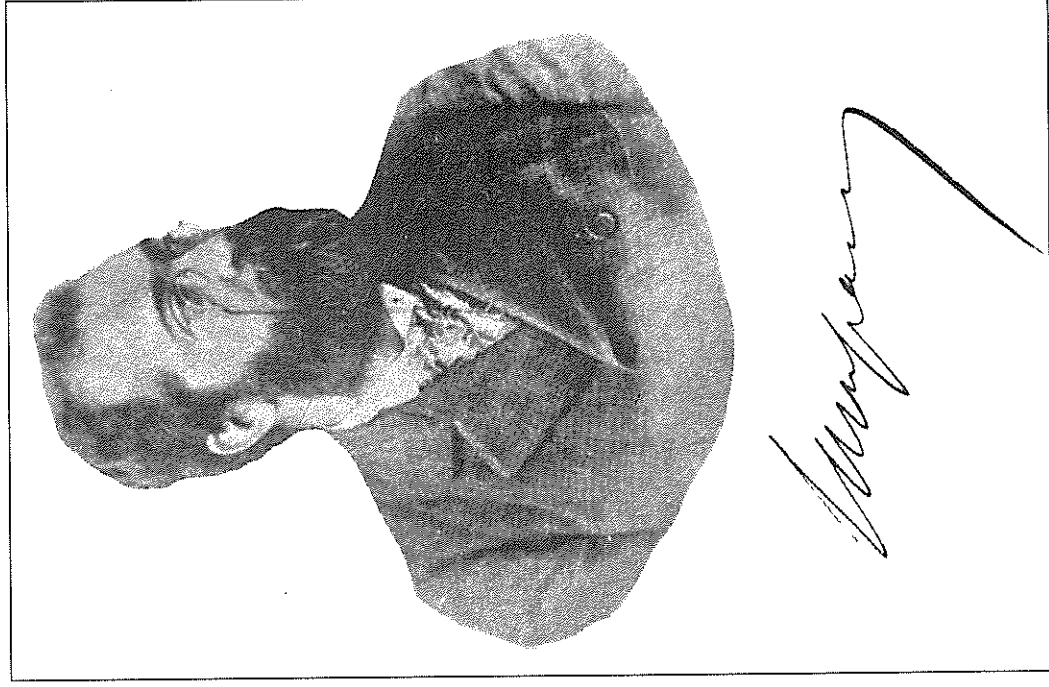
Por LUÍS A. DE OLIVEIRA RAMOS *

Ao versar o tema Sampaio Bruno e os problemas do seu tempo relembrase a imagem deste homem singular.

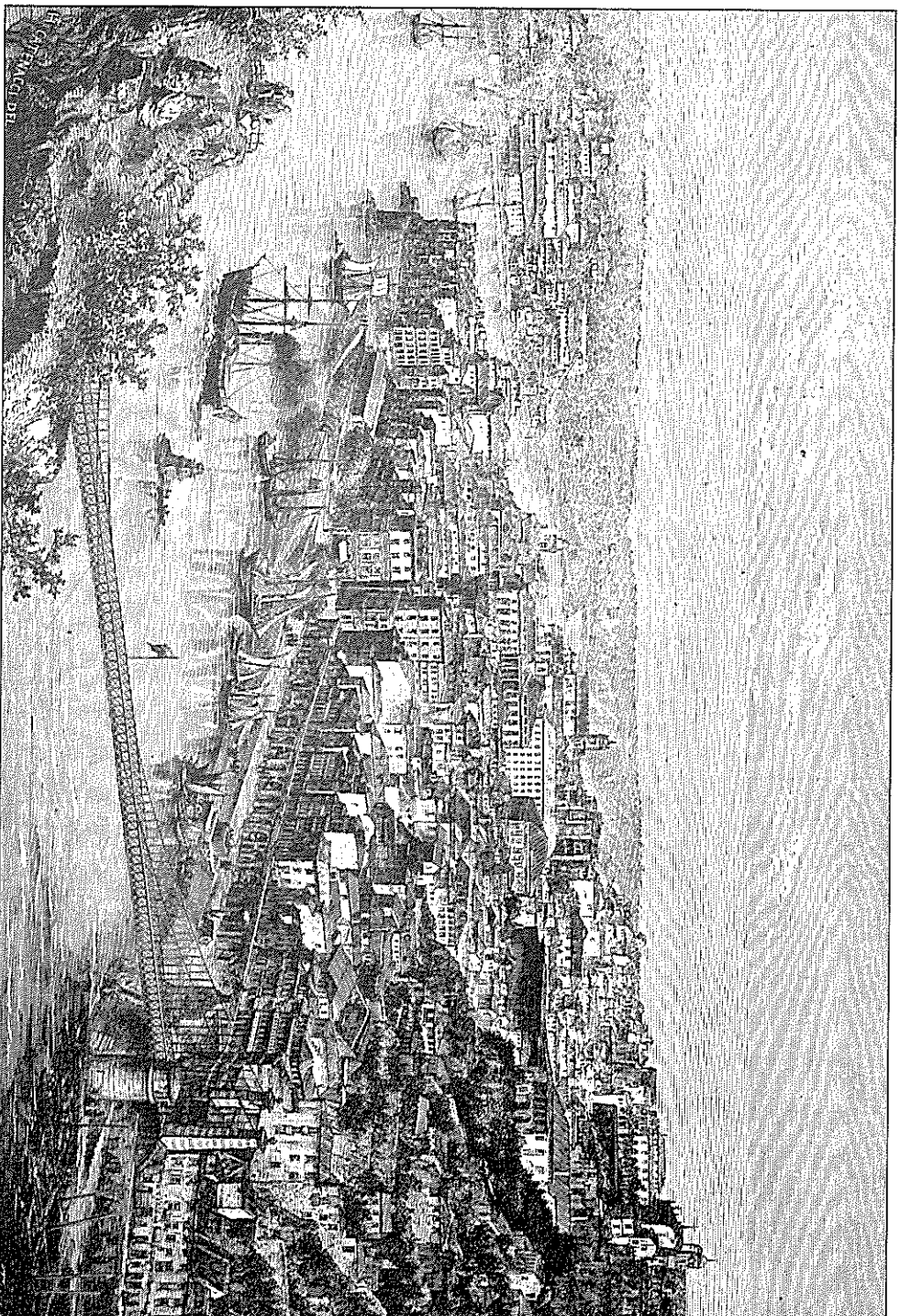
Para o vulgo, Sampaio Bruno é um intelectual portuense do século passado, amiúde nas bocas do mundo por ter dado o nome a uma das ruas mais frequentadas do nosso burgo. Se alguém quiser, por não saber mais, procurar informação a seu respeito, encontra-a nas obras de consulta geral, em artigos sempre elogiosos, mas nem sempre suficientemente elucidativos.

A velha *Enciclopédia Luso-Brasileira*, por exemplo, caracteriza-o como sendo um jornalista e escritor a quem a falta de saúde obstou a que alcançasse formação universitária e como alguém cuja vocação literária veio a lume precocemente. E esclarece que Bruno se distinguia no seio dos grupos do Porto culto do último terço do século XIX, onde, aos 17 anos, suscitou admiração pública ao dar à estampa o livro, tão controverso quanto polémico, intitulado *Análise da Crença Cristã*. Avultou, depois, no combate ao regime monárquico e participou na revolução republicana de 31 de Janeiro. Sob a República serviu como bibliotecário na Biblioteca Municipal, onde chegou a Director. Além de colaborar em numerosos jornais, imprimiu obra extensa em que sobressai uma «vasta cultura filosófica e literária». Ao leitor curioso, a notícia da *Enciclopédia* suscita o desejo de saber mais, pois deixa entrever um jornalista, um pensador heterodoxo, um militante da propaganda republicana e um homem culto, com variadíssima produção intelectual.

O *Dicionário de Literatura*, do Prof. Jacinto Prado Coelho, ajudará um pouco na prossecução de tal objec-



* Professor Catedrático da Universidade do Porto.



O Porto da infância de Sampaio Bruno.

tivo. Ali, o Doutor Delfim Santos, portuense de nascimento, prematuramente desaparecido, conta que as «*irreverentes afirmações*» da obra inicial de Bruno, *Análise da Criança Cristã*, «*não se fixaram como conteúdo ideológico do pensador*», o qual, em trabalhos posteriores, delas inteiramente se desviou. Para Delfim Santos, homem parco em elogios, Sampaio Bruno surge como «*pensador dos mais notáveis*» e «*a ele se pode fazer reverter o início de uma forma de pensamento vasta e compreensiva, séria e subtil, em domínios até então impregnados de intolerância ou apenas de sectária propaganda da cultura francesa*».

Servido por larguíssima erudição, Bruno reage, no seu entender, contra o monolitismo da ortodoxia tradicional e contra a importação de ideias estranhas, sem ligação com a nossa peculiar especulação, para buscar a «*formação típica do nosso pensamento filosófico*», sobressaindo como um dos primeiros críticos do positivismo de Comte e, bem assim, como alguém que oferece interpretações originais, de inegável alcance, «*a respeito da ciência, em especial da Matemática, da Religião, da História, da Literatura, da Arte, da Crítica e da Política*».

Porque causou admiração e escândalo o primeiro livro de Bruno? Quais, em desenho, as tergiversações da sua trajectória mental? Qual o sentido da abordagem que fez dos grandes problemas filosóficos? Qual a relação, entre esta crítica e a sua concepção da história?

No essencial, de alguns destes aspectos fala, em síntese, o Dr. António Braz Teixeira. Dê-lo alguém com vocação precoce para a reflexão sobre matérias filosóficas e religiosas e alguém que começa por oscilar entre o deísmo e o ateísmo, mostrando-se particularmente marcado pela obra do lente da Academia Politécnica do Porto, Pedro de Amorim Viana, autor de um livro, ainda hoje apreciado, cujo título é *Defesa do Racionalismo ou Análise da Fé*.

No aviso de Braz Teixeira, o exílio de Bruno, subseqüente ao envolvimento de Bruno no 31 de Janeiro, constitui uma experiência vital. Fê-lo inflectir decisivamente rumo «*a uma teurgia heterodoxa, aberta à reflexão e ao mistério, afirm a outras correntes esotéricas*», interpretadas antes por Martinez de Pascual, Saint Martin, Wronsky, etc.

Para o autor que estamos a seguir, as três obras fundamentais de Bruno são, primeiro, o *Brasil Mental*, onde envolve as suas críticas ao positivismo e ao monismo e onde visa intelectuais estrangeiros para não ter de discutir correlegionários como Teófilo Braga; em segundo lugar, *A Ideia de Deus*. As suas páginas registam o essencial das suas concepções metafísicas «em oposição ao racionalismo deista do seu mestre», Amorim Viana. Finalmente, *O Encoberto*, cuja doutrina a obra incompleta *Os Cavaleiros do Amor* retoma, traduz a filosofia da história portuguesa de Bruno.

E quais as linhas mestras, os conceitos básicos do pensamento do filósofo português, porque filósofo lhe chama Braz Teixeira? Bruno, explica ele, arranca da existência do mal, que sente fortemente, para chegar a Deus numa aventura intelectual marcada pela atenção ao valor gnóstico-sófico da revelação e do mistério, a qual, justamente, lhe permite conciliar Deus e o Mal. E de que maneira?

Ab *initio*, para Bruno, Deus seria a perfeição que, por efeito de algo misterioso, teria sofrido uma diminuição ou cisão, origem do mal ou da separação do mundo de Deus, provocando assim um cerceamento da potestade divina. Não obstante tal quebra, mau grado a emergência do mal e a redução do poder que Deus sofreu por causa desconhecida, subsiste um fundo desejo de retorno à unidade primordial. O sentido de toda a evolução postula este regresso que consigo trará a espiritualização da matéria. E qual o horizonte do homem no processo em causa? O objectivo do homem «é libertar-se de si, libertando os outros seres», «é a solidariedade cósmica», «é ajudar a evolução da Natureza». E qual a função de Deus? «Deus colabora nesta evolução pelo milagre» e pela «Providência», visto que só reencontrará a plenitude da omnipotência inicial quando for vencida, anulada, a repartição e multiplicidade que diminui o uno, consigo arrastando a queda da divindade, a irrupção do mal, a separação entre Deus e o Mundo, em suma, a unidade essencial, que urge refazer.

Senhor do pensamento complexo que significamos, com uma vida intensíssima, tanto na política, como nas letras, professando um fundo saber a respeito da história, das ideias, da política, como ainda das cosmologias próprias das civilizações do Oriente Antigo, Sampaio Bruno assumiu um lugar de alto relevo já na sociedade português do tempo, já no cenário da história portuguesa.

Que papel foi esse? Por outras palavras, qual a estatura histórica de Sampaio Bruno? Boa resposta a esta questão, dá-a um especialista do século XIX, o Prof. Joel Serrão no *Dicionário da História de Portugal*.

Em seu aviso, a Sampaio Bruno tocou acção marcante como propagandista da República, sobretudo como doutrinário da revolução de 31 de Janeiro, e a sua obra filosófica influenciou, em profundidade, a cultura lusitana do fim de oitocentos e princípios de novecentos.

Demais, Bruno deu notável contribuição para o desenvolvimento dos estudos históricos em Portugal, e formulou uma filosofia da história nacional de matriz esotérica e messiânica, da qual resulta uma «crítica à concepção de decadência», cara a homens do gabarito de Antero de Quental e Oliveira Martins.

Na verdade, boa parte da cultura portuguesa do primeiro quartel do nosso século entronca, directa ou indirectamente, no pensamento heterodoxo e esotérico de Sampaio Bruno, cuja marca é, por igual, detectável em escritores ainda activos.

Como o viram os portugueses do seu tempo? Ou antes, como é possível debuxar o perfil existencial de Bruno?

Na perspectiva ética, Bruno configura um autodidacta, avesso à hipocrisia, despido de preconceitos sectários, a quem o azedume e a intolerância não roíam. Democrata liberal na melhor e mais completa acepção da palavra, mostra-se, ao longo da existência, contrário à violência, gostando, sim, de pleitear com denodo e inteligência no plano das ideias. Os testemunhos que dele ficaram dizem-no empenhado na concretização da paz entre os homens e, por isso, de trato recto, conciliador e bondoso.

Um dos seus biógrafos, o Dr. Cruz Malpique, assevera na *História da Cidade do Porto*, que «nunca ninguém, com efeito, o apanhou na prática de acto que representasse maldade contra o seu semelhante», por «ser homem que ajustou o viver individual e social aos princípios que professava. Ao seu idealismo, à sua fé democrática, não tem dúvida em sacrificar a tranquilidade do próprio viver» e daí o valor amargo do exílio que, depois da revolução republicana de 31 de Janeiro de 1891, em particular o temperou nas lides da inteligência e da vida.

Tanto quanto nos garante a história, não gostava de se misturar com as multidões, atraía-o, sim, a meditação e o debate intelectual, nos quais se envolvia com ardor e fluência, servido por funda erudição. Tinha bem em mente os interesses da colectividade e pelas causas da Cidade e do espírito travou, com seriedade mental, múltiplas polémicas, tão agressivas quanto livres de ironia ou sarcasmo.

Nota característica do seu perfil de homem de letras resultou do seu insaciável amor à leitura a que o conhecimento do espanhol, do francês e do inglês, e

ainda, do italiano, do alemão, do latim e do grego, abriu horizontes quase inultrapassáveis. Servido por uma memória de eleição, soube utilizar o cabedal assim armazenado, através de associações sem conta, nas tertúlias e nas publicações em que pontificava e onde desaparecia a sua natural timidez.

A par de argúcia filosófica, era dotado de espírito crítico, e possuía evidente capacidade para transmitir o que aprendera em livrarias e bibliotecas, muito particularmente na Biblioteca Pública Municipal da urbe que o vira nascer. Sabia, deveras, lançar «oportuna-mente e sem pedantismo, no decorrer de conversas ou nas surpreendentes laudas dos seus escritos, o fruto de um tor de horas de prévio labor no mundo dos livros».

Nas páginas por ele subscritas, a sisudez do pensar vem traduzida num discurso emaranhado, numa prosa rebarbativa, de feição barroca, a que faltam precauções estilísticas, como descreve Cruz Malpique. Ou será que o emaranhado da escrita, como as falhas de estilo, traduzem afinal o homem e o tumultuar que lhe ia no espírito? Ou pelo contrário exprimem um pedantismo linguístico, ausente na epistolografia corrente de Bruno?

A uma época de variadas experiências e múltiplas concepções pertenceu na verdade este cidadão do opulento burgo portuense, amiúde referido em páginas suas.

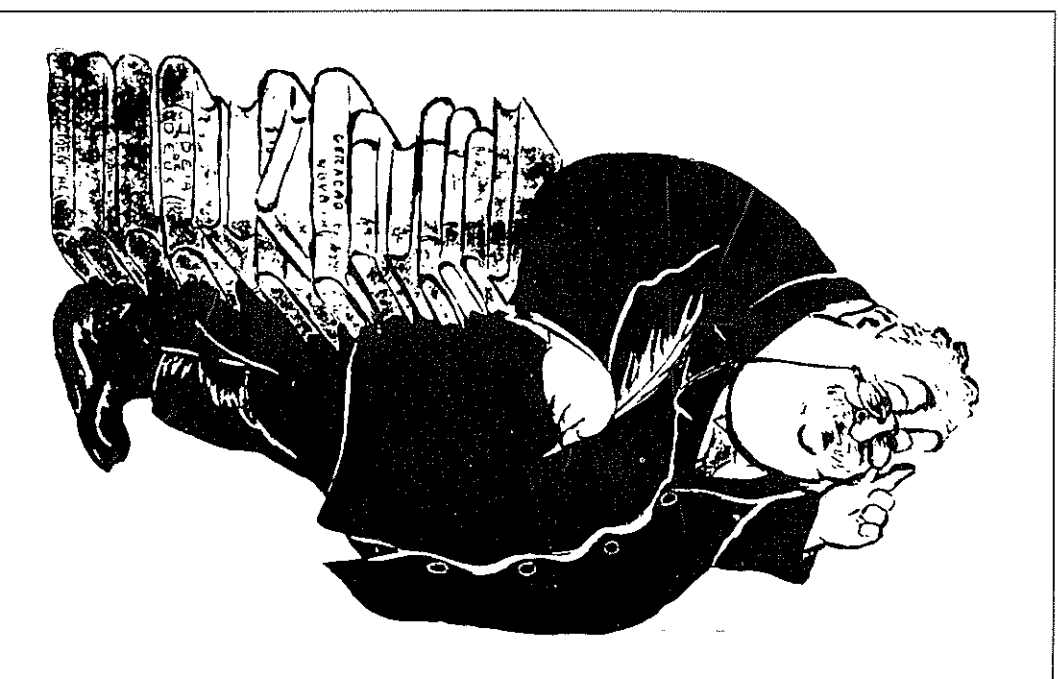
Quem era Sampaio Bruno?

José Pereira de Sampaio, que nas lides intelectuais utiliza o pseudónimo de Bruno, acoplado, ou não, ao apelido de família, veio ao mundo a 30 de Novembro de 1857, filho do beirão José Pais de Sampaio, oriundo de Silgueiros — Viseu, e de sua mulher Albina Pereira Barrosa, esta natural de Leça da Palmeira.

O pai fora sargento de caçadores em Penamacor, mas passou 6 anos nos cárceres por não ter denunciado uma revolução que camarádas seus desencadearam.

Homem íntegro e trabalhador, Sampaio pai aproveitou a reclusão para estudar francês e inglês, bem como contabilidade e escrituração comercial. A breve trecho ventu do francês um romance para venda em fascículos, assim amalhando dinheiro para viver e pagar aos mestres. Durante a permanência na cadeia do quartel de Santo Ovídio doutro modo conjurou a adversidade e preparou o futuro: das grades do calabouço namorou a donzela que em frente morava e veio a ser sua esposa.

Quando em liberdade, trabalhou, primeiro, na casa Andrade Viares, cujo dono apreciou a franqueza com que assumia o passado e a competência no trabalho de escritório. Depois, a promoção no meio dos negócios fez dele chefe de secção de seguros do Banco União e, ulteriormente, proprietário duma padaria, senão tam-



Sampaio Bruno visto por Amarelhe.

bém sócio duma fábrica de tabacos, mau grado a tuberculose que o minava e cedo o tirou da vida.

Sampaio Bruno apreciou sempre sobremaneira a ombridade do Pai e marcas indeléveis na sua idiosincrasia rasgou a circunstância de ele ser um doente e, mais do que isso, alguém que fora longa e duramente punido.

Dal Bruno proclamar a respeito do progenitor: «por não ter sido egoísta, por não ter sido traidor, nem denunciante, por delito de lealdade e pela culpa incontestável de haver obedecido aos preceitos da honra, meu pai foi riscado do exército. Eu me desvanego e ufano, eu me glorio e honro com esta ignomínia do meu pai, orgulhando-me de que meu pai fosse um homem de carácter e de dignidade moral!».

Até à morte, cidadão de existência regrada, Pais de Sampaio interessou-se pela leitura e pela meditação em família, deu-se aos seus, conviveu no círculo dos amigos, progrediu no seio da maçonaria, através da

loja Firmeza, o que no conjunto, o denuncia como elemento característico dum estrato da sociedade portuguesa daquela época. E qual, esse quadro?

O panorama social de Portugal revela uma sobreposição de sociedades, mostrando que a propagação republicana e o advento do novo regime, correm em paralelo com a génese do movimento operário e do socialismo, mas surjem num contexto de evidentes transformações sociais que viabilizarão tal advento, criando-lhe os apoios necessários, oferecendo-lhe, por assim dizer, os intérpretes, predominantemente oriundos das classes médias, mais tarde reforçadas pela gente do campo, quando a difusão do ensino e da cultura o permitirem.

A caminhar para os 6 milhões de habitantes, Portugal dos fins do século XIX comporta as duas grandes cidades: a capital, com menos de meio milhão de habitantes, o Porto singrando rumo às 200 mil almas. No conjunto os seus moradores representam 17% do total. É uma nação eminentemente agrícola, com um número de operários àquem dos 100 mil.

No fim da monarquia, uma oligarquia resultante da aliança entre a rica classe burguesa e «a antiga e mais ou menos pura nobreza» controlava a governação. Os grupos imperantes viam o seu inimigo maior na classe média das cidades, justamente maioritária nos grandes centros urbanos e não entre o povo miúdo dos operários ou entre os camponeses precariamente consciencializados. A ele pertenciam pequenos burgueses, negociantes ou indivíduos dados à indústria, «os membros das profissões liberais e o pequeno funcionalismo público, as baixas patentes do exército, a maioria dos estudantes universitários, alguns pequenos proprietários rurais, a quase totalidade da marinha de guerra». Decididos na procura de «um lugar ao sol na governação e na direcção económica, este grupo genuinamente preocupado com o futuro das colónias e com o atraso do país, imbuído de ideologias francesas, era anti-clerical e anti-monárquico, assim como era anti-socialista e nacionalista ferrenho», conclui o Prof. Oliveira Marques.

O pai de Sampaio Bruno é um típico elemento rural que ascende às classes médias, depois de uma estadia nas fileiras e de uma preparação para o comércio alcançada em alojamento carcerário. O filho, Bruno, esse transformar-se-á num original expoente das mencionadas classes, que em Portugal, como na Europa, desempenharão, sobretudo em Lisboa e no Porto, papel de relevo na transformação das instituições, impugnando a monarquia, reagindo contra a importância do clero e contra o papel sofrível antes atribuído aos seus membros na vida pública.

Da classe média sairá o conjunto de cidadãos que vai abrir o caminho à República e dar corpo à sua insatiação, cientes das necessidades próprias da nação, sensíveis alguns à peculiaridade da sua cultura, todos aos legados das democracias europeias.

E quais os tópicos que individualizam a ideologia democrática? No plano ideológico, explica René Rémond, no volume *Le XIX^e siècle* (Paris, 1975) a democracia, como é sabido, chama a si a herança das liberdades públicas apanágio do liberalismo para pôr a tónica no conceito de igualdade ou universalidade. Por outro lado, não aceita as distinções e as restrições mesmo conjunturais, defendidas pelos liberais, evocando uma alegada política de experiência, do possível, do razoável. A esta luz, os democratas preconizam a pronta aplicação dos princípios, exigem o sufrágio universal, não aceitam o voto censitário.

À proclamada soberania nacional do liberalismo, própria de um conjunto de cidadãos, a democracia prefere a soberania popular do conjunto dos indivíduos, que compreende as massas populares, definindo o país real. Com a democracia vencem-se obstáculos, ganha amplitude o conceito de soberania. A soberania do país legal é substituída pela soberania real da totalidade dos cidadãos. Nesta ordem de ideias, os democratas reclamam a liberdade para todos, enquanto os liberais outorgavam o exercício geral das liberdades aos que as podiam usar em termos razoáveis, isto é, aos que detinham capacidades intelectuais e económicas para o efeito. Por terem consciência de que as desigualdades sociais obstaculizavam o real funcionamento da democracia, os democratas propõem o estabelecimento de condições que tornam viáveis o benefício das referidas liberdades. Em seu aviso, era insuficiente registar um princípio na lei,urgia garantir e bater-se pela sua implementação.

E a democracia, não só lutava pela igualdade jurídica e civil, como tinha em mente a igualdade social, conceito com omnímodas implicações, senão lembre-se que é de acordo com os seus desenvolvimentos que surgiram, por um lado, as democracias liberais, por outro, as democracias populares.

Ou seja, os ideólogos da democracia propõem o universalismo, a soberania popular, querem estabelecer um condicionalismo favorável à vigência efectiva das liberdades, lutam pela igualdade social.

A sua mensagem foi bem conhecida em Portugal e muitas vezes testemunhada com exagerada fidelidade, atenta a realidade nacional. Sampaio Bruno conhecia bem a doutrina democrática, como aliás, conhecia a mensagem dos socialismos e, em geral, as das grandes correntes intelectuais do seu tempo, mas assumiu-as